SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Estudos Teóricos

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e14774

Metáfora arqueológica e técnica da interpretação na pré-história da Psicanálise

Archaeological metaphor and technique of interpretation in the prehistory of Psychoanalysis

Metáfora arqueológica y la técnica de interpretación en la prehistoria del Psicoanálisis

La métaphore archéologique et la technique d'interprétation dans la préhistoire de la Psychanalyse

Fabiano Chagas Rabêlo*
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-5026-8396

Reginaldo Rodrigues Dias
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-8515-0793

Gustavo Oliveira Carvalho
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6805-8127

Gerlane Nanncy Alencar dos Santos
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4672-8975

Como citar
Rabêlo, F. C., Dias, R. R., Carvalho, G. O., & Santos, G. N. A. Metáfora arqueológica e técnica da interpretação na pré-história da Psicanálise. *Revista Subjetividades*, *26*(1), 1-12. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i1.e14774

Histórico de publicação
Submetido em: 07/11/2023 **Aceito em:** 23/10/2025 **Publicado em:** 19/02/2026

Resumo

O artigo resgata as referências à analogia entre o ofício do arqueólogo e do psicoterapeuta nos textos freudianos pré-psicanalíticos. Pontua-se que, para além desse período, essa comparação revela-se importante, aparecendo de modo recorrente na obra de Freud até o final de sua vida. Inicia-se com uma contextualização do campo da Arqueologia e de sua história nos séculos XVIII, XIX e XX. Alguns de seus principais expoentes são destacados – Schliemann, Champolion e Winckelmann –, a fim de situar a influência deles no percurso da investigação clínica de Freud. Defende-se que a comparação com a Arqueologia contribuiu para a formulação de um modelo de aparelho psíquico estratificado, heterogêneo e dinâmico, no qual a linguagem, a memória e as experiências de prazer e desprazer ocupam um papel de destaque. Indica-se como alguns pressupostos metapsicológicos, quando associados à metáfora arqueológica, permitem a relativização e o posterior abandono da hipótese de Breuer, que preconizava a primazia dos fatores somáticos e congênitos na origem das doenças nervosas. Todavia, tais pressupostos também levam à formulação da hipótese da sedução. A experiência clínica, apoiada na autoanálise e na metapsicologia, possibilita, então, a correção desse equívoco, por meio da valorização da fantasia na explicação da etiologia das

***Autor Correspondente**
E-mail: fabrabelo@gmail.com

CC BY NC

psiconeuroses. Esse movimento exige uma reformulação do estatuto da realidade e da função da interpretação. Na conclusão, sublinham-se alguns pontos de convergência e divergência entre a prática do arqueólogo e a do psicanalista, frisando as especificidades dos dois ofícios.

Palavras-chave: Psicanálise, Arqueologia, interpretação, realidade, fantasia.

Abstract

The article rescues references in pre-psychoanalytic Freudian texts on the analogy between the work of the archaeologist and the psychotherapist. It is noted that, beyond this period, such a comparison is extremely important, appearing recurrently in Freud's work until the end of his life. It begins with a contextualization of the field of Archeology and its history in the 18th, 19th and 20th centuries. Some of its main exponents are highlighted – Schliemann, Champolion and Winckelmann – in order to situate their influence on Freud's clinical investigation path. It is argued that the comparison with Archeology corroborated the formulation of a model of a stratified, heterogeneous and dynamic psychic apparatus, in which language, memory and experiences of pleasure and displeasure play a prominent role. It is indicated how some metapsychological assumptions, when associated with the archaeological metaphor, allow the relativization and subsequent abandonment of Breuer's hypothesis that advocated the primacy of somatic and congenital factors in the origin of nervous diseases. However, such assumptions also lead to the formulation of the seduction hypothesis. Clinical experience, supported by self-analysis and metapsychology, then allows the correction of this mistake by valuing fantasy in explaining the etiology of psychoneuroses. Such a movement requires a reformulation of the status of reality and the function of interpretation. It concludes by highlighting some points of convergence and divergence between the practice of archaeologists and psychoanalysts, underlining the specificities of this two praxis.

Keywords: *Psychoanalysis, Archeology, interpretation, reality, fantasy.*

Resumen

El artículo rescata referencias en textos freudianos prepsicoanalíticos a la analogía entre los trabajos del arqueólogo y del psicoterapeuta. Se observa que, más allá de este período, tal comparación es extremadamente importante, apareciendo recurrentemente en la obra de Freud hasta el final de su vida. Se inicia con una contextualización del campo de la Arqueología y su historia. Se destacan algunos de sus principales exponentes –Schliemann, Champolion y Winckelmann– para situar su influencia en la trayectoria de investigación clínica de Freud. Se sostiene que la comparación con la Arqueología corroboró la formulación de un modelo de aparato psíquico estratificado, heterogéneo y dinámico, en el que el lenguaje, la memoria y las experiencias de placer y displacer juegan un papel destacado. Se indica cómo algunos supuestos metapsicológicos, al asociarse a la metáfora arqueológica, permiten relativizar la hipótesis de Breuer que propugnaba la primacía de los factores somáticos y congénitos en el origen de las enfermedades nerviosas. Sin embargo, tales supuestos también conducen a la formulación de la hipótesis de la seducción. La experiencia clínica, apoyada por el autoanálisis y la metapsicología, permite entonces corregir este error valorando la fantasía al explicar la etiología de las psiconeurosis. Semejante movimiento exige una reformulación del estatuto de la realidad y de la función de interpretación. Concluye destacando algunos puntos de convergencia y divergencia entre la práctica de arqueólogos y psicoanalistas, resaltando las especificidades de las dos práxis.

Palabras clave: *Psicoanálisis, Arqueología, interpretación, realidade, fantasía.*

Résumé

L'article récupère les références dans les textes freudiens pré-psychanalytiques à l'analogie entre la pratique d'archéologue et celle de psychothérapeute. On constate qu'au-delà de cette période, une telle comparaison est extrêmement importante, apparaissant de manière récurrente dans l'œuvre de Freud jusqu'à la fin de sa vie. Il commence par une contextualisation du domaine de l'archéologie et de son histoire aux XVIIIe, XIXe et XXe siècles. Certains de ses principaux représentants sont soulignés – Schliemann, Champolion et Winckelmann – afin de situer leur influence sur le parcours d'investigation clinique de Freud. On soutient que la comparaison avec l'archéologie a corroboré la formulation d'un modèle d'appareil psychique stratifié, hétérogène et dynamique, dans lequel le langage, la mémoire et les expériences de plaisir et de déplaisir jouent un rôle prédominant. On indique comment certaines hypothèses métapsychologiques, associées à la métaphore archéologique, permettent la relativisation et l'abandon ultérieur de l'hypothèse de Breuer qui prônait la primauté des facteurs somatiques et congénitaux dans l'origine des maladies nerveuses. Cependant, de telles hypothèses conduisent également à la formulation de l'hypothèse de la séduction . L'expérience clinique, appuyée par l'auto-analyse et la métapsychologie, permet alors de corriger cette erreur en valorisant le fantasme dans l'explication de l'étiologie des psychonévroses. Un tel mouvement

nécessite une reformulation du statut de réalité et de la fonction d'interprétation. Il conclut en soulignant quelques points de convergence et de divergence entre la pratique des archéologues et des psychanalystes, mettant en avant les spécificités des deux professions.

Mots-clés : *Psychanalyse, Archéologie, interprétation, réalité, fantasme.*

Introdução

No livro *O Mundo de Sofia,* ao apresentar a Psicanálise para um público leigo, Gaarder (2012) refere-se ao método de tratamento freudiano como uma "arqueologia da alma" (p. 460). Além disso, descreve-o como um trabalho de escavação da mente em busca de representações dissociadas da consciência, vinculadas a experiências traumáticas do passado.

Embora constitua uma simplificação (Nunes, 2019), essa descrição possui lastro em uma etapa inicial do percurso de Freud. Pontua-se, contudo, que, ao longo de sua obra, ocorreram modificações na metapsicologia e no manejo da técnica, notadamente da interpretação. No decorrer de um extenso e minucioso trabalho de refinamento da técnica e da teoria, por meio de uma comparação sistemática com as etapas anteriores de aplicação dos procedimentos psicoterápicos, Freud relança, de tempos em tempos, o questionamento sobre os meios com os quais o psicanalista opera, os efeitos que visa promover e as metas que espera atingir (Freud, 1904/1997b, 1914/1997f, 1937/1997g).

Por conseguinte, a discussão sobre a técnica da interpretação está presente na obra de Freud desde a pré-história da Psicanálise, em *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1895/2016), até poucos antes de sua morte, em *Construções em análise* (Freud, 1937/1997g). Nesse ínterim, a comparação com a Arqueologia desponta como um importante recurso de aferição e de apreciação crítica dos desenvolvimentos do manejo da interpretação. Por isso, o interesse em investigar, na obra de Freud, as nuances e transformações da analogia entre a técnica do psicanalista e a do arqueólogo.

Aqui, a Arqueologia é compreendida como uma prática científica que resgata fragmentos de artefatos culturais para reconstruí-los – parcial ou completamente – e, a partir daí, desenvolver hipóteses sobre os seus usos, valores e significações originais (Funari, 2003). Essa tarefa torna-se ainda mais complexa quando esses objetos contêm textos de uma língua já morta, cujas sintaxe e gramática são desconhecidas para os pesquisadores (Gonçalves & Souza, 2019). Tal fato exige um esforço de decifração, de tradução e de interpretação, que se soma ao de reconstrução e ao de contextualização histórica (Zanon, 2013). Assim, pode-se afirmar que é tarefa da Arqueologia a apresentação de evidências materiais, concretas e confiáveis para a fundamentação de estudos históricos, sociais e culturais (Souza, 2015; Funari, 2003).

Vale ressaltar uma ponderação. Embora o sentido etimológico da palavra Arqueologia, derivado do grego, signifique "conhecimento dos primórdios" ou "relato das coisas antigas", a ciência que recebe esse nome não se ocupa somente dos resíduos de culturas de um passado remoto, mas também de toda forma de artefato ou produto cultural, inclusive de civilizações contemporâneas (Funari, 2003, p. 13).

Desse modo, a metáfora arqueológica constitui, para Freud, um importante recurso, que lhe permitiu propor um modelo de aparelho psíquico estratificado, reconsiderar o estatuto do trauma e da realidade no psiquismo, situar o papel da sexualidade na etiologia das neuroses e desenvolver uma técnica da interpretação. Daí a sua importância e o valor estratégico no desenvolvimento da clínica e da metapsicologia psicanalíticos.

Uma vez apresentadas essas considerações iniciais, enuncia-se, de forma sintética, o objetivo deste artigo: pesquisar a relação entre a técnica da interpretação e a analogia com o trabalho do arqueólogo em diferentes momentos da obra de Freud, de forma cronológica e sistemática, para interrogar as inovações mais relevantes que impactaram a formulação da direção do tratamento psicanalítico. Para isso, busca-se aferir, em cada passo do percurso freudiano de investigação clínica, o modo como é concebida a relação entre inconsciente, representação, memória e perlaboração.

A fim de desenvolver um estudo mais pormenorizado, optou-se por dividir esta proposta em dois artigos. Neste trabalho, o foco recai na discussão sobre as referências à Arqueologia contidas nos textos pré-psicanalíticos, isto é, naqueles publicados antes de 1900. Pretende-se, em outro momento, recuperar, em Freud, os usos do termo *construção*, que surge como corolário da metáfora arqueológica.

Assim, o primeiro tópico contextualiza, de modo geral, o interesse de Freud pela Arqueologia. Em seguida, discute-se a técnica da interpretação no contexto da teoria da sedução (Azevedo & Amaral, 2021), o que engloba os textos escritos até 1897. O terceiro, e último tópico, é dedicado às contribuições situadas entre 1897 e 1899, período no qual prevalece a influência do conceito de fantasia, que prepara o advento da Psicanálise na virada do século.

Método

Empreende-se uma pesquisa qualitativa, teórica, de caráter ensaístico sobre a Psicanálise, na qual se comenta o desenvolvimento da técnica na obra de Freud, na década de 1890. Toma-se, como eixo norteador, as referências à Arqueologia.

Utilizou-se como bibliografia principal as passagens dos textos de Freud que fazem menção, de forma direta e indireta, à Arqueologia. Esses trechos foram cotejados com as indicações sobre: a) a técnica da interpretação; b) as elaborações metapsicológicas sobre a relação entre representação, memória e inconsciente; e c) as concepções sobre a direção e os objetivos do tratamento. Ademais, pesquisou-se sobre o tema em livros de comentadores e biógrafos de Freud e em artigos indexados no sistema Qualis/CAPES, acessados por meio das plataformas PEPSIC e SciELO e dos termos: "Psicanálise"; "Arqueologia" e "interpretação". Os artigos que mencionam, exclusivamente, o método arqueogenealógico foulcaultiano e nietzschiano (Foucault, 2021) foram excluídos como critério de desambiguação. Os textos de especialistas em Arqueologia, por sua vez, foram utilizados para embasar a definição desse campo de estudo e de sua metodologia de trabalho.

A Arqueologia na Vida de Freud

A Arqueologia desponta como uma importante influência no pensamento de Freud desde meados da década de 1890. Sua afinidade por esse campo se verifica tanto em suas preferências pessoais, como *hobbys* e passatempos, quanto no âmbito de suas curiosidades científicas. Em função das referências frequentes à Arqueologia em sua obra, sobretudo quando associada à técnica da interpretação, é possível afirmar que esse interesse repercute no seu modo de teorizar e abordar a clínica.

Além de colecionar artefatos antigos, Freud era apreciador da arte, da literatura e da mitologia de culturas antigas, notadamente do período grego clássico (Bergmann, 1994; Botting & Davies. 1994; Gamwell, 1994). Segundo Jones (1989), tal admiração por objetos antigos satisfaziam "tanto suas necessidades estéticas quanto seu interesse permanente pelas origens da civilização" (p. 333). Para Gay (1989/2012), o fascínio de Freud pela Arqueologia se manifesta não somente nos seus escritos, mas também na própria decoração de seu ambiente de trabalho, que lembrava "não o consultório de um médico, mas antes o gabinete de um arqueólogo" (Gay, 1989/2012, p. 182). Botting e Davies (1994) destacam a vasta quantidade de livros dedicados à Arqueologia que compunham a biblioteca de Freud. Mesmo ressaltando a dificuldade de se estabelecer uma delimitação precisa, os autores calculam que esse número tenha chegado à cifra de dois mil exemplares, quando Freud e sua família foram obrigados a deixar Viena em decorrência da perseguição nazista. Além disso, os autores mencionaram uma carta endereçada ao escritor Stefan Zweig, de 17 de fevereiro de 1931, em que Freud declara possuir mais livros dedicados à Arqueologia do que à Psicologia.

Considera-se necessário contextualizar a frase citada pelos autores. A partir da leitura da carta na íntegra (Freud, 1980; Zweig, 1931/2017), verifica-se que a afirmação citada por Botting e Davies é, na verdade, uma referência ao livro mais recente de Zweig (1931/2017), no qual, ao tecer um perfil de Freud, o escritor alemão destaca o interesse do retratado pela Arqueologia. Freud, sem negar os argumentos de Zweig, afirma considerar a descrição do amigo exagerada e imprecisa, além de refutar com veemência a afirmação de que tenha gastado uma pequena fortuna com artefatos arqueológicos.

Essas ressalvas, contudo, não desqualificam a apreciação que Botting e Davies (1994) fazem do interesse de Freud pela Arqueologia. Um forte indício disso está nos esforços envidados para transportar os mencionados livros e artefatos para Londres, na ocasião de sua mudança de Viena. Tratou-se de uma operação complexa, na qual vários itens foram perdidos e extraviados.

Gamwell (1994), por sua vez, salienta o apreço que Freud dava às visitas ao Museu de Arte e História de Viena – *Kunsthistorisches Museum Wien* –, que possui uma vasta coleção de artefatos egípcios, gregos e romanos, e às suas viagens anuais à Itália. Freud (1937/1997g) destacou também a visita à Acrópole, na Grécia, no início da década de 1900. Na ocasião, ele produziu um intenso sentimento de desrealização, precedido por um forte mau humor, que três décadas depois é analisado em uma carta endereçada ao amigo e escritor Roman Rolland.

Em sua obra, ao dissertar acerca do tema da Arqueologia, Freud ressalta a influência de dois pesquisadores do século XIX e um do século XVIII (Gay, 1989/2012; Jones, 1989; Roudinesco, 2016). O primeiro, Heinrich Schliemann (1822-1890), foi um rico empresário alemão que investia o seu capital e o seu tempo em incursões como arqueólogo amador. Isso rendeu ao empresário renome e fama, sobretudo em virtude da descoberta das ruínas da cidade de Tróia.

A referência a Schliemann aparece com frequência nas cartas que Freud trocava com Wilhelm Fliess, médico berlinense que se tornou seu confidente, especialmente após o distanciamento de Breuer, que ocorreu após a publicação dos *Estudos sobre Histeria* (Gay, 1989/2012). Nessas cartas, Freud escreve sobre hipóteses teóricas, relatos de atendimentos e detalhes de seu cotidiano em família. Nelas, também compartilha leituras, predileções e passatempos, como é o caso do interesse pela Arqueologia (Gay, 1989/2012; Jones, 1989; Roudinesco, 2016).

Em uma carta de 28 de maio de 1899, Freud se empolga ao contar sobre sua nova aquisição: "Dei um presente a mim mesmo – o *Ilios*, de Schliemann – e gostei imensamente do relato de infância dele. O homem ficou feliz ao encontrar o tesouro de Príamo, porque a felicidade só vem com a realização de um desejo infantil" (Masson, 1986, p. 354). Para Gay (1989/2012), a descoberta de Schliemann causou em Freud um misto de admiração e inveja, pois o psicanalista acreditava ser incapaz de realizar, em vida, um desejo de infância semelhante. Vale destacar que o tema da realização de um desejo de infância também está presente na experiência da Acrópole (Freud, 1936/1997e).

Nesse sentido, nota-se como o interesse pelas descobertas e publicações do arqueólogo alemão desponta nas correspondências de Freud, à medida que sua autoanálise avança. Logo, constata-se que as primeiras menções, nas cartas a Fliess, às lembranças sexuais infantis depuradas da interpretação dos próprios sonhos de Freud são contemporâneas às referências a Schliemann. Também, no mesmo período, ocorreram as primeiras indicações à tragédia de Sófocles, o *Édipo Rei*. Por conseguinte, pode-se conjecturar um elo teórico nesse momento da obra de Freud, o qual ocorre entre a decifração dos efeitos da sexualidade infantil na vida adulta e o trabalho de investigação do arqueólogo.

É importante frisar que Schliemann, no final do século XIX, gozava de amplo reconhecimento social e científico, apesar de ter sido duramente criticado por seu método de escavação assistemático e pouco conservativo. Movido pela avidez em encontrar evidências materiais da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, sua paixão o levou a menosprezar, alterar e até mesmo destruir fragmentos de artefatos das camadas mais recentes e superficiais dos sítios arqueológicos que escavou, comprometendo a qualidade das pesquisas posteriores (Gonçalves & Souza, 2019; Zanon, 2013). À vista disso, é possível afirmar que o arqueólogo alemão ocupou o lugar de uma espécie de herói científico e intelectual para Freud no final do século XIX e no início do século XX (Jones, 1989).

Ademais, considerando a perenidade do interesse de Freud pela Arqueologia e a vasta coleção de livros que amealhou, é muito provável que as críticas dirigidas ao arqueólogo alemão – especialmente nas primeiras décadas do século XX, época de ouro da Arqueologia científica –, não tenham escapado da atenção de Freud. Por conseguinte, também é provável que tenham produzido reverberações na sua obra.

Não é exagero afirmar, portanto, que, como testemunha, Freud acompanhou o desenvolvimento metodológico da Arqueologia: de uma perspectiva amadora, voluntarista e individualista, no seu início, até o refinamento de seus fundamentos técnicos investigativos, por exemplo, na realização de registros e catálogos estratigráficos sistemáticos (Funari, 2018). Esse fato possivelmente influenciou o modo como Freud equacionou a analogia entre Arqueologia e técnica psicanalítica (Botting & Davies, 1994), um fato perceptível pela leitura de um texto psicanalítico mais tardio, como *Construções em Análise* (Freud, 1937/1997g).

Consequentemente, para situar com maior precisão o uso que Freud faz das referências à Arqueologia, torna-se necessário considerar a sua percepção quanto ao desenvolvimento metodológico dessa ciência. Ao mesmo tempo, atenta-se para o momento da articulação entre clínica, técnica e metapsicologia, conforme proposto por Freud.

Além de Schliemann, Freud, em sua obra, realiza inúmeras indicações aos feitos de Champollion. Nesse ponto, é pertinente registrar um adendo. Ao se vincular o trabalho de Champollion à Arqueologia, deve-se ter em vista que, no seu nascedouro, tal ciência ainda estava intimamente associada a outros campos de estudos limítrofes, como é o caso da Filologia, da Antropologia, da História e da Egiptologia (Funari, 2003; Fagan, 2019). Foi somente no decorrer das primeiras décadas do século XX que o seu método e o seu objeto de pesquisa gradualmente se discerniram e se autonomizaram.

Jean-François Champollion (1790-1832), linguista e filólogo francês, teve como grande feito a pioneira decifração dos hieróglifos egípcios, em 1822 (Cabral, 2022; Fagan, 2019). Para isso, fundamentou-se na comparação entre diferentes versões de um mesmo texto – em hieróglifo, demótico e grego –, registrado em uma estela trazida por Napoleão a partir de uma expedição no Egito. Segundo Fagan (2019), Champollion encontrou a chave para a decifração em um nome próprio, Cleópatra, que, na versão em hieróglifo, está envolto em um cartucho.

Nas cartas a Fliess, de 6 e 27 de agosto de 1899, período no qual escrevia *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1997d), Freud fez um trocadilho ao denominar essa obra inaugural da Psicanálise, ainda no prelo, de "livro egípcio dos sonhos" (Masson, 1986, p. 367, 369). Esse fato constitui um indício inequívoco de que ele se inspirou na decifração dos hieróglifos egípcios para a formulação do método psicanalítico de interpretação (Freud, 1900/1997d). Há também referências implícitas em profusão ao método de Champollion na *Interpretação dos Sonhos*. Nele, os sonhos são apresentados como uma modalidade de escrita pictográfica, dotada de uma sintaxe própria, que valoriza a expressão por meio de imagens.

Com menor destaque, embora igualmente merecedor de registro, está J. J. Winckelmann (1717-1778), o terceiro expoente da Arqueologia. Freud se refere a ele em seu comentário sobre o romance *Gradiva*, de Jessen (Freud, 1907/1997a), com quem partilhava o interesse pela cultura greco-romano e o hábito de realizar visitas recorrentes aos sítios arqueológicos. Infelizmente, Winckelmann teve uma morte prematura, aos 51 anos, em uma de suas viagens à Itália, quando foi assassinado por ladrões (Fagan, 2019). Seu legado, contudo, marcou a história da Arqueologia e, por extensão, da Psicanálise. Segundo Fagan (2019), Winkelmann foi pioneiro ao conduzir pesquisas *in loco* para estudar os artefatos nos seus sítios arqueológicos de origem, marco que o qualifica como o primeiro arqueólogo de fato. Com isso, estabeleceu uma diretriz que viria a se tornar um princípio básico da Arqueologia: "todos artefatos, por mais simples que sejam, têm uma história para contar" (p. 12).

Arqueologia e Teoria da Sedução

O período inicial de pesquisa freudiano, situado nas duas últimas décadas do século XIX, é denominado pré-história da Psicanálise. O adjetivo pré-psicanalítico justifica-se pelo fato de que, nesse momento, ainda não haviam sido consolidados

os fundamentos da técnica psicanalítica, cujo marco foi a publicação do livro dos sonhos, em 1900 (Gay, 1989/2012; Jones; 1989).

No entanto, essa é uma etapa profícua da clínica de Freud. Aqui, são forjadas muitas ideias que, posteriormente, são desenvolvidas e incorporadas aos alicerces metapsicológicos e técnicos da Psicanálise. São exemplos: a etiologia sexual das neuroses, o esboço do mecanismo do recalque, um protomodelo de aparelho psíquico, além de um primeiro quadro diagnóstico diferencial das psiconeuroses (Freud, 1895/2001a; Masson, 1986; Gay, 1989/2012).

Nesse período, é importante enfatizar o interesse de Freud pela linguagem e pela memória como elementos essenciais para a explicação dos processos psíquicos patológicos manifestos na clínica dos chamados *doentes dos nervos* – neurastênicos, histéricos, fóbicos, entre outros quadros clínicos – que constituíam a maior parte de sua clientela (Gay, 1989/2012). Vale salientar que o tratamento desses pacientes representava um grande desafio para a medicina do final do século XIX, uma vez que, nessa época, os procedimentos psicoterápicos não eram cientificamente respaldados e credenciados, o que torna Freud um pioneiro nessa área (Freud, 1890/1997h).

A formação como neurologista e a incursão na investigação das afasias, tema de sua monografia, constituiu, para Freud, um significativo passo preparatório na formulação do esboço de um método de tratamento psicoterápico. Assim, após situar a palavra (*Wort*) como a base material e a causa eficiente de toda a modalidade de tratamento psíquico e enunciar o interesse – bem como, ao mesmo tempo, o ceticismo – sobre a eficiência da hipnose e da sugestão no tratamento de doentes dos nervos, Freud (1890/1997h) se debruça na investigação das perturbações dos mecanismos de fala em diferentes formas de afasia. Ao final de sua monografia, Freud (1891/2001b) apresenta o esquema de um aparelho de fala (*Sprachapparat*) – precursor do modelo de aparelho psíquico desenvolvido em 1895, publicado, postumamente, como *Projeto*[1] *para uma Psicologia Científica* (Freud, 1962), e, por extensão, da primeira tópica (Freud, 1900/1997d).

No texto sobre as afasias, o aparelho de linguagem é descrito como um mecanismo complexo e estratificado, formado por uma rede de traços mnêmicos, de qualidades heterogêneas (visuais, olfativas, sinestésicas, cenestésicas etc.), cujo funcionamento permite uma descarga motora concatenada (a fala) e a ativação de processos cognitivos distintos, como a rememoração e o reconhecimento. O comprometimento de algum elo desse circuito é responsável pela gênese de diferentes formas de afasia, cuja natureza é explicada por meio das funções desempenhadas pelo complexo de traços mnêmicos atingidos. Assim, fala e memória estão intimamente relacionados, sendo a expressão motora pela fala apenas uma das formas de manifestação dessa organização linguageira (Freud, 1891/1992).

No Projeto de 1895, Freud (1962) descreve o inconsciente como a parte do psiquismo mais apta para se modificar permanentemente e reter traços de memória. Esses registros mnêmicos, ao se formarem, passam a constituir o centro de gravidade do funcionamento do psiquismo, orientando-o conforme um sentido regressivo e alucinatório do pensar. Freud sustenta que as experiências produtoras de prazer são aquelas mais capazes de gerar traços de memória permanentes, sendo daí que surge o princípio do prazer-desprazer, o qual preconiza que o acúmulo de tensão no psiquismo causa desprazer, enquanto a sua descarga produz prazer. São as oscilações na homeostase psíquica que deixam para trás um rastro de lembranças inconscientes que permanecem durante toda a vida, influenciando as escolhas e ações do adulto, das mais complexas e importantes às mais singelas e triviais.

Nesse modelo compósito da memória, da fala e da representação, é possível identificar os fundamentos de uma primeira aproximação entre os artefatos arqueológicos e as reminiscências psíquicas traumáticas, tema amplamente discutido nos *Estudos sobre Histeria* (Breuer & Freud, 1895/2016). Assim, no contexto dessa proposta de investigação clínica, em 1895, a metáfora arqueológica surge pela primeira vez no texto de Freud, especificamente no caso de Elisabeth von R.:

> Cheguei a um procedimento que mais tarde elevei a método e empreguei deliberadamente, um procedimento de remoção do material psíquico patogênico por camadas, que gostávamos de comparar a técnica de escavação de uma cidade soterrada. Primeiramente, fazia com que a doente me contasse o que sabia e reparava cuidadosamente onde uma conexão permanecia enigmática, onde parecia faltar um elo na cadeia causal; depois penetrava em camadas mais profundas da lembrança, fazendo agir naquele lugar a investigação hipnótica ou uma técnica similar (Breuer & Freud, 1895/2016, p. 200).

Nesse momento, o método de investigação psíquica aplicado por Freud, derivado do método catártico, tinha por objetivo localizar e favorecer, sob hipnose, a expressão de memórias de experiências traumáticas dissociadas da consciência, relacionadas à gênese dos sintomas histéricos, desse modo, promovia uma correção associativa (Rabêlo et al, 2015). A partir da aplicação dessa técnica, Freud constata que:

> […] muitas vezes se trata de vivências cuja discussão é desagradável para os doentes, mas sobretudo porque eles realmente não se lembram, e muitas vezes não fazem ideia da conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico.

[1] O Projeto pode ser traduzido, de forma mais precisa, como esboço ou rascunho (*Entwurf)*. Para evitar ambiguidades com o texto póstumo de 1940, traduzido como *Esboço (Abriss) de Psicanálise*, optou-se por adotar Projeto para se referir ao anexo da carta a Fliess, de 1895.

> Geralmente é necessário hipnotizar os doentes e despertar, durante a hipnose, as lembranças do tempo em que o sintoma apareceu pela primeira vez (Breuer & Freud, 1895/2016, p. 19).

O método catártico, desenvolvido por Breuer, mas adotado e modificado por Freud, consiste em fazer o paciente sob hipnose retornar ao estado psíquico do aparecimento do sintoma, para, então, fazer ressurgir, a partir do seu relato, as lembranças traumáticas, concebidas como reminiscências de eventos concretos da realidade, que são revividas e atualizadas. Com a descarga dos afetos represados ligados a essas lembranças, produz-se o arrefecimento da intensidade do sintoma e do sofrimento psíquico (Breuer & Freud, 1895/2016).

Com a aplicação do método catártico, Freud avança pouco a pouco para a formulação de uma concepção mais complexa e estratificada do trauma como um evento de natureza psíquica. Para ele, a experiência traumática resulta de vivências que suscitam intensos sentimentos de pavor, angústia, vergonha ou dor psíquica, que dependem intimamente da sensibilidade da pessoa afetada. O excesso de afetos e a dissociação advinda daí é o que caracteriza uma vivência como traumática. A dissociação, à qual a lembrança do evento penoso sucumbe, enceta, por sua vez, uma incessante compulsão à repetição da experiência traumática original, por meio de uma falsa associação a uma situação atual (Breuer & Freud, 1895/2016).

Dessa forma, a aplicação do método catártico permitiu a Freud alcançar um entendimento mais abrangente da constelação psíquica envolvida nas experiências traumáticas constitutivas do sintoma. Consequentemente, esse fato o levou a sustentar a primazia da sexualidade na etiologia da neurose (Freud, 1898/1997c).

A valorização da hipótese traumática e a imputação de uma dinâmica psíquica associada a ela, por sua vez, promoveu uma reformulação radical do entendimento do princípio eficiente mais fundamental do método catártico (Rabêlo et al, 2015).

Distanciando-se de Breuer, a proposta terapêutica encampada por Freud passa a ser proporcionar uma nova ligação psíquica das lembranças traumáticas dissociadas, uma a uma, das mais atuais em direção às mais antigas, das falsas ligações até a memória da experiência traumática germinal. Por esse caminho, o método catártico, que, para Breuer, é um tratamento paliativo, pois não é capaz de modificar os fatores etiológicos da doença – segundo ele, de natureza hereditária, neurológica, somática e congênita –, torna-se, em Freud, um tratamento causal, pois modifica os fatores etiológicos da histeria, doravante entendidos como de natureza, simultaneamente, psicogênica, real e traumática.

O passo seguinte de Freud é a vinculação do trauma à sexualidade. Postula, assim, que o acúmulo da libido é o fator que determina o caráter traumático de um determinado evento. Por conseguinte, sustenta que é a natureza dos obstáculos à descarga de libido – processo simultaneamente interno e externo, psíquico e real, recente e antigo – que determina a modalidade do adoecimento em questão.

Nesse sentido, Freud (1898/1997c) propõe uma distinção entre duas modalidades de adoecimento psíquico, em função da época da experiência de represamento da libido. Tem-se, então, o grupo das neuroses atuais, formado pela neurastenia, e as neuroses de angústia, no qual a estase da libido é causada por um fato recente e não se verifica a mediação de um mecanismo de defesa mais arraigado na organização psíquica. Nesse sentido, uma vez sustadas as condições concretas que acarretam a abstinência e a insatisfação, a neurose também cessa.

Em contraposição às neuroses atuais, Freud (1898/1997c) descreve um segundo grupo, as neuropsicoses de defesa, as quais abrangem as afecções psíquicas engendradas pelo mecanismo do recalque, a saber: a neurose obsessiva, a histeria, a fobia e a paranoia. O represamento da libido, aqui, possui uma causa mais complexa, estratificada, formada por mediações que remontam ao passado remoto do paciente.

Em uma carta endereçada a Fliess, datada de 30 de maio de 1896, Freud comenta sobre o excesso de sexualidade na psique, contido em lembranças de épocas remotas da vida: "O excesso de sexualidade impede a tradução. O excesso de sexualidade, por si só, não é suficiente para causar o recalcamento; é necessária a cooperação da defesa; contudo, sem um excesso de sexualidade, a defesa não produz neurose" (Masson, 1986, p. 188-189).

Desse trecho, infere-se que a experiência de um excesso de sexualidade com a mediação de um mecanismo específico psíquico de defesa determina a natureza traumática de uma determinada vivência. A dinâmica compósita dessa experiência, simultaneamente real e subjetiva, é explanada em outra carta postada a Fliess, alguns meses depois.

Na Carta 52 (06 de dezembro de 1896) (Masson, 1986), Freud esmiúça a dinâmica psíquica envolvida no mecanismo de defesa das psiconeuroses. O recalcamento (*Verdrängung*) é apresentado como uma "falha de tradução" (p. 209). Desse modo, afirma: "dentro de uma mesma fase psíquica e entre registros da mesma espécie, uma defesa normal se faz sentir graças a geração de desprazer. Mas a defesa patológica só ocorre contra traços mnêmicos de uma fase anterior que ainda não tenham sido traduzidos" (Masson, 1986, p. 209). Logo: "um evento sexual de uma fase atua na seguinte como se fosse um evento atual e, consequentemente, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (recalcamento), portanto, é a natureza sexual do evento e sua ocorrência numa fase anterior" (Masson, 1986, p. 210).

Com base nessas afirmações, percebe-se que o trauma é tratado como um evento real capaz de produzir um impacto psíquico, transformando os traços de memória, que se tornam dissociados e inacessíveis às atividades conscientes, em razão de uma falha de tradução. O conteúdo recalcado, contudo, permanece como um registro mnêmico ativo, o que gera

uma compulsão à repetição. Esta última pode ser caracterizada como uma tentativa de descarga alternativa de um excesso de energia psíquica acumulada, por meio de uma falsa conexão a um conteúdo atual.

A possibilidade de fazer retroagir a falsa conexão atual aos registros de memória mais arcaicos, atingidos pela falha de tradução do recalque, é o que caracteriza a correção associativa proposta por Freud. Para tanto, faz-se necessário reconhecer que a distorção das memórias atingidas pelo mecanismo de defesa não constitui um impedimento definitivo para se chegar às experiências traumáticas mais determinantes da neurose. Com isso, torna-se possível, assim, percorrer o caminho de formação dos sintomas em sentido inverso, seguindo os rastros deixados pelo retorno do recalcado e se ajustando às condições impostas pela resistência e pelos mecanismos psíquicos de defesa (Fortes, 2013).

Assim, Freud (1896/1999, p. 427) cita a expressão em latim "*Saxa loquuntur"* – em português, as pedras falam –, para dar voz à metáfora arqueológica. Nesse ponto, a imagem do ofício do arqueólogo, que busca reconstituir os contornos de uma cidade a partir da reconstrução dos fragmentos de suas edificações mais robustas, como muros e colunas, é trazida à baila para apresentar a orientação psicoterápica da análise psíquica.

A conjunção da hipótese traumática com o pressuposto da etiologia sexual da neurose e a valorização das experiências mais arcaicas infantis culmina na formulação da hipótese da sedução. Essa teoria sustenta que o trauma na origem das neuroses decorre de uma vivência real de sedução ocorrida na infância. Freud levanta a hipótese, depois abandonada, de que a escolha do tipo de clínico da psiconeurose de defesa pode ser explicada em função da idade em que ocorreu a vivência traumática, estipulada no intervalo entre o décimo oitavo mês e o quarto ano de vida. O grau de maturação do Eu e o tipo de mecanismo do qual o indivíduo se vale para se defender da experiência desprazerosa são apontados como determinantes para a escolha do tipo clínico da neurose (Masson, 1986).

É possível afirmar, assim, que a teoria da sedução surge, em grande parte, da articulação entre a metáfora arqueológica – associada a um modelo estratificado da linguagem e da memória – e a concepção econômica de trauma, a etiologia sexual das neuroses e a primazia das vivências infantis.

Arqueologia e Fantasia

A primeira teoria da sedução sofreu uma profunda reformulação durante o ano de 1897, à medida que a noção de fantasia assumia um peso crescente na explicação da gênese da neurose. Após um período de dúvida e hesitação, no qual tenta conciliar a hipótese da sedução e o conceito de fantasia, na carta de 21 de setembro de 1897, Freud (Masson, 1986) declarou não acreditar mais em sua *neurótica.*

Antes disso, no início do ano, em uma carta de 02 de maio de 1897, Freud escreve:

> Tudo remonta a reprodução de cenas (do passado). A algumas se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal (Masson, 1986, p. 240).

Mais adiante, em um anexo à mesma carta mencionada (Rascunho L), Freud retoma a questão das fantasias. Ele as indicando como fachadas psíquicas, cuja função é impedir o acesso às recordações traumáticas originais (Masson, 1986).

Percebe-se que, inicialmente, a concepção de fantasia ainda estava atrelada ao primado da realidade na explicação da gênese da experiência traumática. A fantasia é apresentada, assim, como uma espécie de rearranjo criativo do psiquismo que, diante de uma falha de tradução, tenta ajustar o retorno do conteúdo recalcado a uma situação da realidade, distorcendo ambos, como forma de se evitar o desprazer e garantir uma homeostase psíquica.

Nesse ponto, as hipóteses advindas das investigações clínicas de Freud se amalgamam com o conteúdo de sua autoanálise. Em 15 de outubro de 1897, Freud diz a Fliess ter descoberto, em si, o que ele reconhece como uma vivência germinal contida em vários pacientes histéricos:

> Descobri, também em meu próprio caso, (o fenômeno de) me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não (ocorra) tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas (Masson, 1986, p.271).

Constata-se que o advento da primazia da fantasia em relação à realidade surge na esteira do processo de autoanálise de Freud, que pode ser entendido como um sucedâneo da metáfora arqueológica, haja vista Freud se engajar na decifração de suas próprias lembranças mais arcaicas. Todavia, a presença da figura do pai no centro das fantasias sexuais infantis, como agente do trauma, exige uma reformulação da teoria da sedução. Se o trauma na etiologia da neurose é descrito como um evento concreto e real, da mesma forma se deve entender o estatuto do pai sedutor. Daí surge conclusão, logo refutada, de que todo pai de pacientes neuróticos deve ter sido um abusador. Dessa maneira, a autoanálise de Freud se

torna o procedimento de revisão e de correção desse viés de erro, o que exigiu uma revisão metapsicológica de alguns pressupostos associados à metáfora arqueológica.

Na carta de 21 de setembro de 1897, Freud enumera os motivos pelos quais não acredita mais em sua teoria da sedução: primeiro, em razão do fato de que, por essa via, não seria possível levar nenhuma análise a uma conclusão satisfatória; segundo, pela quantidade de pais que deveriam ser acusados de pervertidos, sem excluir o dele próprio. Todavia, o principal argumento para Freud descredenciar a hipótese da sedução como o principal elemento causal da etiologia da histeria das psiconeuroses é a fragilidade de indicações da realidade no Inconsciente. Ele verifica que, em muitas dessas experiências traumáticas, não há como distinguir entre fato concreto e fantasia (Masson, 1986).

Nesse ponto, verifica-se um forte ponto de distensão entre Arqueologia e Psicanálise. Enquanto os artefatos com os quais o arqueólogo trabalha são fragmentos de objetos reais, que devem ser reconstruídos, na Psicanálise, a experiência traumática possui uma materialidade psíquica. Aqui, a cena traumática se mostra como efeito da junção de recortes de impressões e vivências, que são amalgamados e ressignificados a partir da influência das experiências de prazer e desprazer.

Desse ponto em diante, ocorre uma ênfase cada vez mais acentuada no conceito de resistência.

Em uma carta de 27 de outubro de 1897, Freud afirma:

> Uma ideia sobre a resistência permitiu-me recolocar no rumo certo todos os meus casos que estavam um pouco à deriva, de modo que eles agora progridem a contento. A resistência, que acaba por levar o trabalho (analítico) a paralisação, não é nada além do caráter anterior da criança [...] que aqui, fica encoberto pela ação do recalcamento. Desenterro (esse caráter) com meu trabalho; ele luta; e a pessoa que era, a princípio, um ser humano tão bom e nobre torna-se mesquinha, mentirosa ou obstinada – alguém que se finge de doente - até que lhe digo isso e, dessa forma, torno-lhe possível superar esse caráter (Masson, 1986, p.275).

Aqui, a ação da resistência psíquica imposta pela censura pode ser aproximada ao efeito de desgaste que os artefatos arqueológicos sofrem em decorrência das intempéries climáticas, da ação do homem e do próprio material que compõe o objeto em questão. Deve-se ter em mente, todavia, a diferença radical entre a duas situações. Enquanto a resistência possui um sentido centrípeto, devendo ser considerada como resultado de um conflito intrapsíquico, o desgaste dos artefatos arqueológicos decorre de uma ação centrífuga, de fora para dentro, pela interveniência de forças externas.

Por conseguinte, na Psicanálise, a distorção promovida pela censura e a resistência não são efeitos diretos da entropia dos registros mnêmicos. Em realidade, são consequências do conflito entre instâncias e forças psíquicas em constante movimento de acomodação.

Nesse ponto, torna-se claro que as lembranças traumáticas *desenterradas* pelo trabalho de análise psíquica são de natureza fantasística. No entanto, Freud reconhece, na fantasia, a manifestação de processos concretos, a saber: linguagem, imagens, representações e afetos. Por isso, a fantasia deve ser compreendida como um compósito heterogêneo complexo, que possui uma quota de autonomia em relação à realidade histórica e concreta. Trata-se de uma formação de compromisso, ao mesmo tempo consciente e inconsciente, que constitui a matriz dos sintomas e dos sonhos.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa em andamento, foi possível evidenciar o movimento dialético e processual do trabalho de Freud em torno da técnica da interpretação, a partir da metáfora arqueológica. Apoiou-se, para tanto, na análise de seus pacientes, na autoanálise e em um esforço de criação metapsicológico. Infere-se, assim, que o modelo de psiquismo heterogêneo e estratificado – capaz de se modificar e reter informações, que, por sua vez, são moduladas pelas experiências de prazer e desprazer –, decorre da analogia entre o tratamento psíquico freudiano e o ofício do arqueólogo. Da mesma forma, a formulação de uma etiologia psíquica das neuroses e a sustentação de uma ação causal terapêutica corretiva da mesma natureza também remonta à influência dessa metáfora.

É possível afirmar, então que se beneficiaram dessa analogia: o reconhecimento do caráter compósito e plástico da memória; o pressuposto de preservação de todo registro mnêmico significativo; o reconhecimento de uma força de entropia de resistência – que desgasta e transforma as informações, exigindo um esforço de investigação em sentido contrário – e a identificação de um elo causal entre um passado arcaico (infância) e o presente (vida adulta/neurose).

No entanto, é importante salientar que essa linha de investigação clínica precisou ser revista e substancialmente reformulada em razão da atribuição de um estatuto de realidade similar à dos artefatos arqueológicos para as experiências traumáticas infantis. Indicou-se a autoanálise de Freud como o procedimento que permitiu corrigir essa distorção e destacar a especificidade do que logo viria a se tornar a prática psicanalítica. Se, na Psicanálise, o acesso às produções mnêmicas ocorre por meio da fala e das manifestações corporais e afetivas de indivíduos, na Arqueologia, esse procedimento se apoia na reconstrução das significações e nos usos atribuídos a objetos que já tiveram, um dia, uma existência real. Nesse sentido, enquanto a Psicanálise se ocupa de pessoas vivas e de suas manifestações discursivas concretas, a Arqueologia toma, primordialmente, como fonte de pesquisa, registros de pessoas que já morreram, cuja identidade, não raro, permanece anônima. Por isso, é importante pôr em

relevo que a verdade a ser atingida na Psicanálise é de ordem subjetiva e Inconsciente – ainda que atravessada por processos sociais e coletivos –, ao passo que, na Arqueologia, tal verdade é de ordem histórica e factual.

Do exposto, tomando por referência a Carta 52, endereçada por Freud a Fliess em 1896 (Masson, 1986), é possível afirmar que a conexão entre Psicanálise e Arqueologia decorre do fato de ambas as práticas se dedicarem: a) à reconstrução de registros de memória a partir de seus fragmentos; b) à decifração de conteúdos textuais, no sentido de uma comparação entre sistemas de escritas diferentes, valendo-se, para isso, do suporte de ilustrações, das representações pictóricas e de outras versões do mesmo texto; c) à tradução, entendida como a recriação do sentido de um texto de um idioma para outro e d) à interpretação, que implica a atualização de uma mensagem em um novo contexto e situação.

Espera-se, doravante, prosseguir com o desenvolvimento desta proposta de investigação, explorando os desdobramentos da metáfora arqueológica na primeira e na segunda tópicas freudianas. Em especial, almeja-se problematizar seu impacto na formulação do conceito de construção como suplemento à técnica da interpretação.

Referências

Azevedo, G. M. G., & Amaral, H. U. (2021) Teoria da sedução: ascensão e queda ou O surgimento do Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 55(2), 149-164. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000200011&lng=pt&tlng=pt

Bergmann, M. S. (1994). Ciência e arte na vida e obra de Freud. In P. Gay, *Sigmund Freud e arqueologia: sua coleção de antiguidades* (pp. 179-189). Salamandra.

Botting, W., & Davies, J. K. (1994). A biblioteca de Freud e um apêndice de títulos relacionados a antiguidades. In P. Gay, *Sigmund Freud e arqueologia: sua coleção de antiguidades*. (pp. 191-194). Salamandra.

Breuer, J., & Freud, S. (2016). Estudos sobre histeria (P. C. Souza & L. Barreto, Trad.). In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895).

Cabral, J. (2022). Sobre os Efeitos de um Exílio: Jean-François Champollion e o estudo da língua egípcia em Figeac. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, *38*, 163-178. https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2022.171772

Fagan, B. (2019). *Uma Breve História da Arqueologia* (J. Marcoantonio, Trad.). L&PM.

Fortes, M. I. A. (2013). Corpo em pedaços: a potência do fragmento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *65*(1), 152-162. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Foucault, M. (2021). *Microfísica do poder* (R. Machado, Trad.; 11a ed.). Paz & Terra. (Trabalho original publicado em 1978).

Freud, S. (1962). *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, (Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902)*. Fischer.

Freud, S. (1980). *Briefe 1873-1937* (E. L. Freud & L. Freud, Eds.). S. Fischer.

Freud, S. (1992). *Zur Auffassung der Aphasien: Eine kritische Studie*. Fischer Taschenbuch. (Trabalho original publicado em 1891).

Freud, S. (1997a). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (1997b). Die freudsche pyschonalytische Methode. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. Ergänzungsband, pp. 99-106). Fischer. (Trabalho original publicado em 1904).

Freud, S. (1997c). Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen. In *Studienausgabe* (Vol. 5, pp. 423-459). S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1898).

Freud, S. (1997d). Die Traumdeutung. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. 2). S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1997e). Eine Erinnerungsstörung auf der Akropolis (Brief an R. Rolland). In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. 6, pp. 241-274.). Fischer. (Trabalho original publicado em 1936).

Freud, S. (1997f). Erinnern, wiederholen, durcharbeiten. In S. Freud, *Studienausgabe* (Vol. Ergänzungsband, pp. 205-215). Fischer. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1997g). Konstruktionen in der Analyse. In S. Freud, *Studienausgabe* (Ergänzungsband, pp. 393-406). Fischer. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1997h). Psychische Behandlung (Seelenbehandlung). In *Studienausgabe* (Vol. Ergänzungsband, pp. 13-35). S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1890).

Freud, S. (1999). Zur Ätiologie der Histerie. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 1, pp. 377-403). Fischer. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (2001a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (2001b). *Zur Auffassung der Aphasien: Eine kritische Studie*. Fischer Taschenbuch Verlag. (Trabalho original publicado em 1891).

Funari, P. P. (2003). *Arqueologia*. Contexto.

Gaarder, J. (2012). *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Companhia das Letras.

Gamwell, L. (1994). As origens da coleção de antiguidades de Freud (F. Rebello & M. C. Coelho, Trad.). In P. Gay, & W. Zusman, *Sigmund Freud e arqueologia: sua coleção de antiguidades* (pp. 21-33). Salamandra.

Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1989).

Gonçalves, A. T. M., & Souza, M. M. (2019). Possibilidades de abordagem dos poemas homéricos: arqueologia e linguística como "horizonte hermenêutico" das obras. *ArtCultura*, 21(38), 25-41. https://doi.org/10.14393/ARTC-V21-N38-2019-50157

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud* (J. C. Guimarães, Trad.). Imago.

Masson, J. M. (Ed.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Imago.

Nunes, T. R. (2019). A interpretação psicanalítica como ato criativo. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, *22*(3), 372-380. https://doi.org/10.1590/1809-44142019003013

Rabêlo, F. C., Dias, R. R., Pereira, G. F., Oliveira, M. H. F., & Oliveira, N. L. (2015). Antecedentes da Associação Livre: As Experiências Precursoras na Década de 1890. *Psicologia em Estudo*, *20*(2), 235-246. https://doi.org/10.4025/psicolestud.v20i2.25085

Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Companhia das Letras.

Souza, C. D. (2015). Aportes arqueológicos na produção do conhecimento histórico. *Cadernos do LEPAARQ*, *12*(24), 251-268. https://doi.org/10.15210/lepaarq.v12i24.5674

Zanon, C. A. (2013). Homero: qual cultura? Que sociedade? *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, (2), 174-196. https://doi.org/10.17648/rom.v0i2.7416

Zweig, S. (2017). *A cura pelo espírito: Em perfis de Franz Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1931).

Contribuição dos Autores

Rabêlo, F. C.: Concepção, elaboração do manuscrito, pesquisa, redação, discussão dos resultados.
Dias, R. R.: Colaboração na pesquisa e revisão do manuscrito e discussão dos resultados.
Carvalho, G. O.: Colaboração na pesquisa, revisão do manuscrito e discussão dos resultados.
Santos, G. N. A.: Colaboração na revisão do manuscrito e discussão dos resultados.

Fonte de Financiamento

Este trabalho não contou com suporte financeiro ou financiamento específico de agências de fomento.

Conflito de Interesses

Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade

A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref.*

Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares

Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável

Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados

Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X